

GEISA GUIMARÃES NEVES - 3702767

RAÍSSA AYARA NEVES DE MELLO DA SILVA - 3702486

Um olhar sobre o impacto do diagnóstico:

O Bem-estar biopsicossocial das mães brasileiras de crianças neurodivergentes.

Geisa Guimarães Neves e
Raíssa Ayara Neves de Mello Silva

Um olhar sobre o impacto do diagnóstico:

O bem-estar biopsicossocial das mães brasileiras de crianças neurodivergentes.

Trabalho apresentado ao Curso de Psicologia,
da Universidade do Grande Rio Prof. José de
Souza Herdy, como requisito parcial para a
disciplina Trabalho de Conclusão de Curso
de Psicologia.

Professora Valéria de Almeida Costa Pinto
Victorino.

Rio de Janeiro

2025

RESUMO

O presente artigo investiga o impacto do diagnóstico de neurodivergência no bem-estar biopsicossocial das mães brasileiras de crianças atípicas. Esta pesquisa analisa os efeitos desse diagnóstico por meio de uma revisão narrativa realizada entre setembro de 2024 e fevereiro de 2025, utilizando bases de dados como EBSCO e Portal de Periódicos Capes. Foram selecionados sete artigos relevantes em português, inglês e espanhol. A análise, conduzida pela Análise de Conteúdo de Laurence Bardin, resultou em quatro categorias: Construções sociais e Desafios da maternidade no contexto da Neurodivergência; Implicações Emocionais pós-diagnóstico; Rede de Apoio e Cuidados; e A angústia do Itinerário Terapêutico. Os resultados mostram que o diagnóstico afeta o bem-estar emocional das mães, destacando a importância da perspectiva biopsicossocial e a necessidade de cuidados psicoterapêuticos para enfrentar os desafios da maternidade neuroatípica. Esta revisão destaca a falta de pesquisas sobre o tema, que se concentram principalmente no autismo, propondo que futuras pesquisas considerem outras neurodivergências e realizem entrevistas com mães para enriquecer o campo de análise.

Palavras-chave: mãe – diagnóstico – neurodivergência

ABSTRACT

This article investigates the impact of the diagnosis of neurodivergence on the biopsychosocial well-being of Brazilian mothers of atypical children. This review examines the effects of diagnosis through a narrative review carried out between September 2024 and February 2025, using databases such as EBSCO and the Capes Periodicals Portal. Seven relevant articles in Portuguese, English, and Spanish were selected. The analysis, conducted by Laurence Bardin's Content Analysis, resulted in four categories: Social Constructions and Challenges of Motherhood in the Context of Neurodivergence; Emotional Implications after Diagnosis; Support and Care Network; and The Anguish of the Therapeutic Itinerary. The results show that the diagnosis affects the emotional well-being of mothers, highlighting the importance of the biopsychosocial perspective and the need for psychotherapeutic care to face the challenges of neuroatypical motherhood. This review highlights the lack of research on the topic, which focuses mainly on autism, proposing that future research consider other neurodivergences and conduct interviews with mothers to enrich the field of analysis.

Keywords: mother – diagnosis - neurodivergence

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	2
2	MÉTODO.....	4
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	11
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
	REFERÊNCIAS.....	21

1 INTRODUÇÃO

O diagnóstico de neurodivergência, que abrange condições como autismo, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), altas habilidades, dislexia, entre outros transtornos e síndromes relacionados ao desenvolvimento atípico, tem ganhado crescente relevância na sociedade contemporânea, especialmente no contexto brasileiro. Essa realidade não impacta apenas as crianças diagnosticadas, mas também exerce uma influência significativa sobre suas famílias, em particular sobre as mães. De acordo com Constantinids *et al.* (2018), a responsabilidade pelos cuidados com a criança pode resultar em perdas e empobrecimento psíquico. Muitas mães tendem a renunciar suas carreiras, vida social e relações afetivas devido à necessidade de se dedicarem integralmente aos cuidados de seus filhos.

A singularidade dos desafios que as mães de crianças neurodivergentes enfrentam afetam seu bem-estar biopsicossocial, englobando dimensões emocionais, sociais e físicas. A experiência da maternidade atípica, conforme abordado por Tonetto e Barbieri (2018), é marcada por sentimento de culpa e impaciência, uma vez que essas mães lidam com questões como a impulsividade e desatenção de seus filhos. O estigma associado a essa situação pode resultar em sensações de inadequação e solidão, elevando o risco de depressão.

Campelo *et al.* (2014) complementam essa perspectiva ao destacar que famílias com filhos que apresentam transtornos mentais graves enfrentam não apenas demandas emocionais, mas também financeiras. Adicionalmente, estudos de Fonseca *et al.* (2010) ressaltam a importância da disponibilidade emocional nas interações iniciais entre mãe e bebê, bem como o impacto dessas relações no desenvolvimento infantil. Para mães de crianças neurodivergentes, as dificuldades emocionais vivenciadas podem ter consequências significativas no desenvolvimento dos filhos.

Diante desse cenário complexo, o estudo teve como objetivo identificar os efeitos do diagnóstico no bem-estar biopsicossocial das mães brasileiras de crianças neurodivergentes, buscando compreender como esse diagnóstico impacta a vida dessas mulheres. Para isso, foi analisada a produção científica encontrada sobre o tema, os desdobramentos emocionais enfrentados por essas mães, investigando possíveis alterações nas dinâmicas familiares e nas relações sociais no período pós-diagnóstico, bem como as principais dificuldades que elas enfrentam na gestão das necessidades específicas de seus filhos. O propósito era investigar as consequências psíquicas vivenciadas por essas mães após o diagnóstico, com a intenção de dar visibilidade ao sofrimento emocional delas.

A romantização da maternidade idealiza a experiência materna, retratando-a como um estado de pura felicidade e realização, ignorando os desafios que muitas mulheres enfrentam.

Andrea O'Reilly, em "Matricentric Feminism: Theory, Activism, and Practice", aponta que essa visão pode desvalorizar as experiências das mães, especialmente daquelas que não se encaixam nos padrões convencionais, como é o caso das mães de crianças neurodivergentes, que além dos desafios normais da maternidade, lidam com estigmas e falta de compreensão sobre suas realidades.

Desmistificar a romantização da maternidade é crucial para uma discussão mais realista e inclusiva sobre as diferentes experiências maternas, reconhecendo suas dificuldades e conquistas. Na experiência materna dessas mulheres, essa jornada pode ser marcada por intensa frustração. Ponte & Araújo (2022) relatam que muitas mães vivenciam luto pelo filho "idealizado" que não nasceu. O diagnóstico de neurodivergência impacta a dinâmica familiar, resultando em um luto compartilhado que afeta todos os membros da família. A desestruturação de sonhos e planos faz com que os pais se sintam sobrecarregados, resultando em um ambiente de dor e incompreensão, gerando sentimentos como angústia, culpa e raiva, podendo causar conflitos e isolamento.

Antes do diagnóstico, mães de crianças cujo funcionamento neurológico difere do padrão considerado pela neurociência tradicional já enfrentam um desgastante Itinerário Terapêutico (IT), que envolve ações para o tratamento da condição, intensificando seu sofrimento emocional devido à incerteza (Rabelo et al., 1999). Estudos de Bonfim *et al.* (2023) e Baumbusch *et al.* (2018) revelam desafios na interação entre essas mães e profissionais de saúde, incluindo reações negativas ao buscarem informações sobre tratamentos, o que resulta em estigmatização.

O papel delas como cuidadoras especialistas é frequentemente desvalorizado, prejudicando a comunicação com as equipes médicas. Além disso, algumas interações são marcadas por insinuações infundadas sobre a falta de educação dos cuidadores, como no caso da Síndrome de Munchausen por Procuração, quando o cuidador, geralmente a mãe, provoca ou simula doenças na criança para atrair atenção e obter simpatia. Apesar das adversidades e da culpa enfrentada, muitas mães persistem em sua busca por respostas em um processo emocionalmente desgastante.

A urgência de uma abordagem empática por parte dos profissionais de saúde é crucial para reconhecer as experiências das mães de crianças neurodivergentes. Castanheda (2019) enfatiza a importância de um cuidado humanizado que fortaleça o vínculo entre mães e profissionais. Este estudo busca visibilizar o sofrimento psíquico dessas mães, destacando a psicoterapia como uma importante rede de apoio diante do estresse e desafios familiares. Cada

mãe vive experiências únicas que exigem uma abordagem contextualizada para atender suas necessidades específicas (Tonetto & Barbieri, 2018).

A contribuição do profissional de Psicologia, pode ser ampliada em diferentes momentos, não sendo exclusiva ao momento de recebimento do diagnóstico. O psicólogo pode ser visto como uma ferramenta que ajude a família a lidar com suas emoções nos momentos posteriores as adequações necessárias na dinâmica da mesma. Tais profissionais também atravessarão a vivência familiar, por meio de locais frequentados pela criança, como por exemplo o ambiente escolar.

2 MÉTODO

A coleta de dados da pesquisa foi realizada a partir de uma revisão de narrativa entre setembro de 2024 e fevereiro de 2025, utilizando os dados coletados de artigos publicados nas bases de dados EBSCO Information Services, Portal de Periódicos Capes e Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), foram encontrados 22 artigos, em cada base, abrangendo o período de 2019 a 2024. As palavras-chave utilizadas na busca foram: "mães", "neuro atípicas" ou "neuro divergentes" e "diagnóstico". Consideramos apenas artigos científicos publicados em português, inglês e espanhol, e em revistas indexadas. Os artigos selecionados exploram a maternidade atípica e a dinâmica mãe-filho, com foco nas emoções, estresse e sofrimento psíquico das mães, além da necessidade de estratégias de redes de apoio.

Conforme ilustra a figura 1, os critérios utilizados para a exclusão foram produções científicas que não abordavam a temática na íntegra, referente ao impacto do diagnóstico e o bem-estar biopsicossocial das mães brasileiras de crianças neurodivergentes, as referências repetidas, capítulos de livros incompletos e conteúdo fora do período estipulado. Ao realizar a pesquisa pela base EBSCO Information Services, com as palavras-chave “mães-autismo-diagnóstico”, considerando todos os critérios de exclusão anteriormente mencionados, foram encontrados 5 resultados.

Já na base de pesquisa Portal de Periódicos CAPES, ao utilizar as palavras-chave “mães-atípicas”, considerando os critérios de exclusão e a opção “revisão por pares”, foi encontrado apenas 1 resultado. Quanto a busca na Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), com as palavras-chave “mães-atípicas”, foi encontrada também, apenas 1 resultado. Todos os artigos citados podem ser observados no quadro 1.

Foram encontrados somente sete estudos sobre o tema da pesquisa, cujos dados foram analisados a partir da Análise de Conteúdo de Bardin. A partir da leitura e da organização dos artigos, foram construídas quatro categorias: (i) Construções sociais e Desafios da

maternidade no contexto da Neurodivergência, (ii) Implicações Emocionais pós-diagnóstico na Experiência Materna, (iii) Rede de Apoio e Cuidados: Inclusão e Autoestima na Maternidade Neurodivergente e (iv) A angústia do Itinerário Terapêutico e a urgência de Políticas Públicas para garantia da vida e dos direitos.

Através de uma análise cuidadosa dos artigos disponíveis foi possível identificar 4 conceitos importantes: Capital existencial, Rede social significativa, Ruptura biográfica e Afeto social, conforme quadro 3, comparar análises, conhecer intervenções existentes e destacar lacunas na literatura. Essa abordagem foi essencial devido à escassez de publicações sobre mães neurodivergentes brasileiras com foco em outras síndromes ou transtornos do desenvolvimento além do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

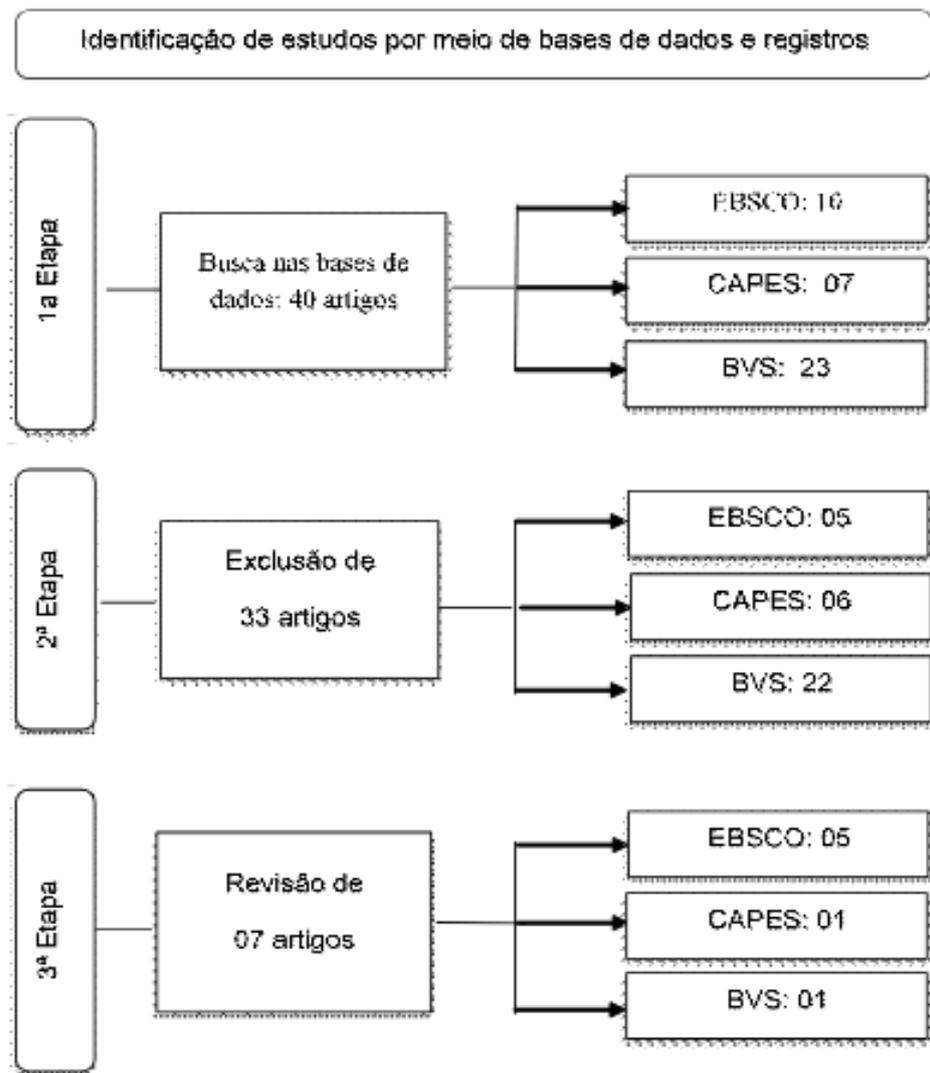


Figura 1: Revisão dos artigos em 03 bases de dados.

Fonte: elaboração própria.

1 – Artigos selecionados para a discussão da pesquisa. Rio de Janeiro, 2025.

ANO	TÍTULO	BASE DE DADOS	AUTORES	OBJETIVOS
2021	Conversando e desenhando com mães de crianças autistas: investigação psicanalítica.	EBSCO	GUIMARÃES, J. B., & TACHIBANA, M.	Investigar os desdobramentos emocionais, nas mães de crianças com diagnóstico autista.
2022	Desafios no cotidiano de famílias com crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro do Autismo.	EBSCO	PRYCHODCO, Robson Celestino; BITTENCOURT, Zélia Zilda Lourenço de Camargo.	Descrever as alterações e adaptações no cotidiano dos familiares, decorrentes do diagnóstico
2023	Dinâmica relacional das redes sociais significativas de mães de filhos com Transtorno do Espectro Autista.	EBSCO	COLOMÉ, C. S., DANTAS, C. P., & Zappe, J. G.	Estudar as mudanças nas relações sociais das mães de crianças autistas.
2023	Ser mãe de uma pessoa com transtorno de espectro autista: um estudo sobre representações e estigmas em séries.	EBSCO	FARIA, M. D.	Analisar a representatividade de mães de autistas, em séries televisas.
2020	Empoderando mães atípicas: um estudo de campo sobre a importância da autoestima na maternidade atípica.	CAPES	KINTOPE, L. O., & BORGES, R. de S.	Debater impactos na autoestima de mães atípicas.
2023	A maternidade atípica: narrativas de uma mãe com três filhos com Transtorno do Espectro Autista.	BVS	BULHÕES, Thaynara Maria Pontes; BITTENCOURT, Ivanise Gomes de Souza; SOUZA, Elizabeth Moura Soares de; CAVALCANTI, Clarice Maria Tavares Macedo; PORTO, Maria Eduarda Alves	Descrever a experiência de uma mãe de três crianças com espectro autista.
2021	"We, mothers of autistic people": between knowledge of the experience and collective memories in videos on YouTube. ⁴	EBSCO	FREITAS, Bárbara Morais Santiago, GAUDENZI, Paula	Analisar as experiências das mães de crianças autistas, narradas em vídeo do YouTube.

Quadro 2 – Categorias e temas.

Categorias	Temas
1- Construções sociais e Desafios da maternidade.	Boa mãe/ desinteresse pai/ Diferença pai e mãe
	Estigmas e estereótipos
2- Implicações Emocionais pós-diagnóstico	Consequências para mães
na Experiência Materna.	Sobrecarga
	Luto
	Culpa
3- Rede de Apoio e Cuidados:	Rede de apoio
Inclusão e Autoestima na Maternidade Neuroatípica.	Cuidado e autoestima
	Empatia e inclusão
4- A angústia do Itinerário Terapêutico e a urgência de	Itinerário terapêutico
Políticas Públicas para garantia da vida e dos direitos.	Profissionais de saúde.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A maternidade é frequentemente idealizada na sociedade, sendo vista como uma fase de felicidade e realização pessoal. Essa romantização, no entanto, ignora os desafios reais enfrentados pelas mães, como a exaustão física, a pressão social e a necessidade de equilibrar diversas responsabilidades. As expectativas em torno da maternidade podem sobrecarregar as mães, fazendo com que se sintam inadequadas quando suas experiências não correspondem ao ideal.

Essa idealização é analisada por J. Susan Douglas e W. Meredith Michaels no livro "The Mommy Myth", onde as autoras revelam como a cultura contemporânea constrói o mito da "mãe perfeita", caracterizada como altruísta, auto-sacrificial e sempre disponível. Esse estereótipo gera expectativas irrealistas para as mães e desvaloriza suas conquistas em outras áreas da vida, perpetuando estereótipos de gênero que prejudicam a saúde mental dessas mulheres.

Considerando os desafios impostos por essa romantização, como destacam Viana e Benicasa (2023), é fundamental refletir sobre o impacto específico que ela exerce sobre as mães de crianças neurodivergentes, que já enfrentam realidades difíceis antes mesmo do diagnóstico dos transtornos de neurodesenvolvimento de seus filhos. A dissonância entre a imagem

idealizada do filho e a realidade pode gerar um processo emocional de luto, evidenciando a necessidade de assegurar direitos e implementar políticas públicas que atendam adequadamente suas demandas.

É fundamental observar a realidade das mães de crianças com dificuldades de desenvolvimento em contextos vulneráveis no Brasil, como ilustrado no documentário "Mães de Bel" (2020). O filme retrata o cotidiano de algumas mães do Instituto Mães Atípicas de Belford Roxo, destacando os desafios diários que enfrentam na luta por direitos, inclusão e apoio social. A produção evidencia não apenas o amor incondicional e a resiliência dessas mulheres, mas também as desigualdades sociais que permeiam suas vidas, revelando a complexidade de suas experiências.

O psicanalista Donald Winnicott contribuiu significativamente para a compreensão das dinâmicas do desenvolvimento humano, introduzindo importantes conceitos, dentre eles o da "mãe suficientemente boa". Essa ideia se refere à figura materna que atende às necessidades básicas da criança, criando um ambiente de amor e segurança, enquanto também permite que a criança enfrente frustrações e desafios essenciais para seu desenvolvimento emocional. Winnicott argumenta que essas mulheres serão mães felizes, se forem, antes de tudo, pessoas felizes. Nesse sentido, o conceito de "mãe suficientemente boa" torna-se especialmente relevante para as mães atípicas, que frequentemente enfrentam dificuldades que as afastam dos padrões tradicionais de cuidado, levantando reflexões sobre a compreensão dos próprios limites e a busca por seu bem-estar.

A articulação entre as análises de Douglas e Michaels, Viana e Benicasa, o documentário "Mães de Bel" e o conceito de Winnicott traz luz a compreensão da experiência materna de mães de crianças neurodivergentes, reforçando a necessidade de políticas públicas que ofereçam suporte adequado às famílias, promovendo uma sociedade mais inclusiva, que promova a aceitação da diversidade, reconhecendo e valorizando experiências como a da maternidade atípica. Tais políticas podem contribuir para o bem-estar de todos, desenvolvendo habilidades sociais e emocionais essenciais para uma convivência harmoniosa, fortalecendo laços comunitários, reduzindo estigmas e propiciando o crescimento de todos.

Menezes *et al.* (2019) destacam que, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), "não há saúde sem saúde mental". Eles ressaltam a importância de aumentar o acesso aos serviços de saúde mental, defendendo sua integração na Atenção Primária à Saúde (APS). Além disso, apontam a importância de considerar a dimensão psicossocial de cada paciente. Essa abordagem revela a necessidade de um olhar humanizado e integral sobre a saúde, que leve em conta o bem-estar biopsicossocial. No caso dessas mães, é fundamental reconhecer

suas necessidades específicas, o contexto em que vivem e os sentimentos de medo, incompreensão e preconceito que contribuem para o estigma.

Compreender os desafios únicos enfrentados por mães de crianças neurodivergentes é essencial para a psicologia contemporânea. Essas mulheres enfrentam dificuldades, incluindo o acesso a cuidados de saúde adequados, a falta de informação e apoio, além de desafios emocionais e psicológicos. Elas lidam com barreiras à inclusão social de seus filhos e a ausência de uma rede de apoio familiar e comunitário. Reconhecer o sofrimento dessas mães valida suas experiências emocionais e abre caminho para intervenções terapêuticas eficazes, contribuindo para a redução do estigma. Essa compreensão pode favorecer o desenvolvimento de políticas públicas que proporcionem suporte emocional adequado e recursos para melhorar a qualidade de vida dessas mulheres. Isso é especialmente relevante, pois esses fatores estão diretamente relacionados à exclusão social e à discriminação que elas e outras pessoas com condições de saúde mental enfrentam.

No Brasil, o reconhecimento das necessidades das mães de crianças neurodivergentes tem se intensificado por meio de leis e políticas públicas que buscam garantir direitos e proteção, especialmente em relação à saúde mental. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI - Lei nº 13.146/2015) e a Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência (PNSM) são exemplos fundamentais que oferecem suporte a essas mães, assegurando acesso a serviços essenciais como saúde, educação e assistência social.

Iniciativas como a Lei nº 14.019/2020 promovem a inclusão social de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), demonstrando um compromisso com os direitos dessas famílias e reconhecendo a importância do papel das mães no cuidado e na educação dos filhos. A PNSM busca garantir acesso à saúde integral, promover a inclusão social e oferecer suporte psicológico, fortalecendo redes comunitárias para apoiar as famílias (BRASIL, 2001).

Outro benefício relevante é o Benefício de Prestação Continuada (BPC), previsto na Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), que garante um salário-mínimo mensal a pessoas com deficiência de baixa renda e suas famílias, ajudando assim as mães atípicas. Uma iniciativa significativa foi lançada pela Assembleia Legislativa do Governo de São Paulo (Alesp), que criou a Frente Parlamentar de Apoio às Mães Atípicas. Essa frente visa concentrar esforços na aprovação do Projeto de Lei 1.005/2023, que propõe estabelecer um auxílio financeiro para mães de filhos com deficiência ou síndromes raras, com foco especial no autismo.

Essas ações representam um avanço significativo na promoção dos direitos das mães de crianças neurodivergentes e no fortalecimento da rede de apoio necessária para enfrentar os desafios diários. Contudo, ainda há um longo caminho a percorrer na criação de legislações que

assegurem a dignidade dessas mães e seus filhos, bem como na implementação de mecanismos que reduzam a burocracia para o acesso aos direitos das pessoas com deficiência. Essas políticas sinalizam uma mudança importante na abordagem da saúde mental no Brasil ao reconhecer o impacto que cuidar crianças que apresentam diferentes tipos de condições, sejam elas: físicas, cognitivas, emocionais ou de desenvolvimento, pode ter na saúde emocional das mães.

Embora as políticas públicas sejam fundamentais, é essencial promover iniciativas que combatam o estigma e construam uma sociedade mais inclusiva e acolhedora, garantindo saúde mental para todas as famílias. A transformação social requer que a sociedade se torne aliada na busca pela inclusão, reconhecendo que essa atitude fortalece todos os envolvidos. A diversidade enriquece nossas comunidades ao trazer diferentes perspectivas que beneficiam a convivência e a cooperação.

Nesse contexto, é crucial assegurar que as mães de crianças neurodivergentes tenham o suporte necessário para cuidar tanto de seus filhos quanto de si mesmas. Um ambiente justo e solidário não apoia apenas essas mães, mas contribui para o bem-estar da sociedade como um todo. Quando cada membro da comunidade se empenha em apoiar a inclusão, todos ganham com uma convivência mais harmônica e respeitosa, onde as diferenças são valorizadas e todos têm oportunidades para prosperar.

Quadro 3 - Conceitos importantes encontrados nos artigos.

Capital existencial	Rede social significativa	Ruptura biográfica (RB)	Afeto social
Sarah Nettleton (2013)	Sluzki (1997)	Hans-Jürgen Wirth (1980)	Émile Durkheim (1893) e outros autores
Os benefícios emocionais e afetivos adquiridos ao participar de atividades culturais e artísticas ressaltam a importância dessas experiências na construção de uma vida significativa.	Conjunto de vínculos do sujeito que proporciona apoio emocional, e um senso de pertencimento, enriquecendo a vida dos indivíduos e promovendo crescimento e bem-estar coletivo.	Momentos críticos na trajetória de vida do indivíduo, traz mudanças significativas nas atividades, rotinas e na narrativa pessoal. Na maternidade neurodivergente, implica uma reavaliação das prioridades da mãe, que enfrenta desafios e a luta por direitos e inclusão.	Emoções e sentimentos que surgem nas interações entre indivíduos em um grupo social. É crucial para a construção de vínculos, solidariedade e coesão, influenciando comportamentos, apoio mútuo e relações saudáveis, essenciais para o bem-estar coletivo e individual.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

Foi possível constatar nos artigos selecionados, alguns achados relevantes que auxiliam na proposta e finalidade deste trabalho. Porém, embora utilizem o termo “mães atípicas” em seus títulos, estes focam exclusivamente na abordagem sobre mães de filhos pertencentes ao espectro autista. Nota-se a falta de produções científicas que englobem outros transtornos existentes dentro dos termos “neurodivergente” ou “atípico”, assim sendo, percebe-se a escassez de artigos atualizados sobre o tema proposto.

Dentre os sete artigos selecionados, dois foram produzidos a partir de representações midiáticas, como séries de televisão e vídeos disponibilizados no YouTube. Tal observação traz a reflexão da importância da tecnologia como anteparo para a visibilidade e a retratação desse viés em artigos científicos. As produções encontradas foram divididas em quatro categorias: (i) Construções sociais e Desafios da maternidade no contexto da Neurodivergência, (ii) Implicações Emocionais pós-diagnóstico na Experiência Materna, (iii) Rede de Apoio e Cuidados: Inclusão e Autoestima na Maternidade Neurodivergente e (iv) A angústia do Itinerário Terapêutico e a urgência de Políticas Públicas para garantia da vida e dos direitos. A seguir, discutiremos cada categoria relacionada aos temas encontrados.

4.1. Construções sociais e Desafios da maternidade no contexto da Neurodivergência.

Esta categoria analisa a dinâmica familiar a partir do momento do diagnóstico, abordando os preconceitos enfrentados e as simplificações acerca da vivência de mães de crianças neurodivergentes. Abrangendo questões como a romantização da maternidade, o protagonismo das mães no cuidado de seus filhos neurodivergentes, além dos estigmas e estereótipos que se perpetuam pela concepção equivocada da "mãe perfeita". Os temas a serem trabalhados são: "Boa mãe e desinteresse do pai", "Diferença entre pai e mãe", e "Estigmas e estereótipos".

Para a questão da "boa mãe e o desinteresse do pai", é fundamental contextualizar que, no período que precede o nascimento da criança, a mulher já enfrenta consequências decorrentes da romantização da maternidade, que idealiza a experiência materna como um estado de felicidade plena. Essa perspectiva negligencia os desafios emocionais e físicos enfrentados durante a gestação e após o nascimento da criança, especialmente no caso de mães de filhos neurodivergentes. Essas mães convivem com o mito da “mãe perfeita”, cujas consequências incluem a criação de expectativas irreais que prejudicam a saúde mental dessas mulheres. Em contrapartida, muitos pais sequer reconhecem a paternidade de seus filhos. Neste

contexto, é pertinente correlacionar essa temática com o conceito de "mãe suficientemente boa" proposto por Winnicott.

No que se refere à "diferença entre pai e mãe", é fundamental enfatizar que não se pode generalizar, uma vez que as dinâmicas familiares apresentam uma ampla diversidade. Em alguns contextos, ambos os pais compartilham igualmente as responsabilidades relacionadas aos cuidados com a criança; no entanto, em muitas situações, apenas um dos genitores assume essa responsabilidade de forma predominante, sendo a mãe frequentemente a principal responsável pelos cuidados. A literatura mostra que é comum que o pai se afaste do filho e da família como um todo, ficando a mãe com todas as responsabilidades (Pinto *et al*, 2016, apud Faria, 2023).

Ao abordar o tema "estigmas e estereótipos", é importante ressaltar que a perpetuação do preconceito pode dificultar a aceitação das diversas realidades da maternidade, reforçando ideias pré-concebidas sobre como essas mães devem ser e se comportar. Essa dinâmica contribui para a marginalização das experiências maternas que não se alinham aos padrões tradicionais, dificultando a construção de uma compreensão mais inclusiva e plural da maternidade, a qual é especialmente necessária no contexto da maternidade neurodivergente. A valorização das diferentes vivências maternas é essencial para promover uma sociedade mais justa e equitativa.

De acordo com estudos de Faria (2023), a representação da sociedade nos meios de comunicação pode criar e reforçar estigmas e estereótipos, especialmente em relação a grupos socialmente invisibilizados. A pesquisa de Farias analisa as séries "Atypical" e "Parenthood", que abordam questões do Transtorno do Espectro Autista (TEA), revelando que essas narrativas perpetuam o estereótipo de mães altamente dedicadas, que frequentemente abandonam suas vidas pessoais e profissionais para manter a união familiar. Isso resulta em uma expectativa social que leva as mães de filhos neurodivergentes a renunciar a diversos aspectos de suas vidas para enfrentar as dificuldades que seus filhos encontram. Renúncia esta, que em nossa sociedade não é considerada inerente ao papel do homem. Espera-se que a mulher, ao se tornar mãe, abdique de todos os outros papéis que desempenha na sociedade, incluindo o profissional, para dedicar-se exclusivamente aos cuidados maternos.

Conforme Nogueira (2006, p. 57), com a inserção da mulher no mercado de trabalho, as revoltas sociais em favor da igualdade social, a discriminação sexual da mulher deveria desaparecer, já que homens e mulheres se encontravam cada vez mais unidos por um determinado modelo de sociedade. Mas na prática, a diferenciação colocando a mulher em desvantagem, ainda é o cenário atual.

A análise de J. Susan Douglas e W. Meredith Michaels no livro "The Mommy Myth" complementa os achados de Faria (2023) ao revelar como o mito da “mãe perfeita” é construído na sociedade contemporânea. Esse padrão social estabelece expectativas irreais, diminuindo as conquistas das mães em outras esferas da vida e perpetuando padrões de gênero que afetam negativamente sua saúde mental. Além disso, as ideias sobre o discurso de “boa mãe” podem ser contestadas pelo conceito winicottiano da “mãe suficientemente boa”, que sugere que a busca pela perfeição pode causar sofrimento desnecessário, dado que as expectativas maternas são frequentemente frustradas. Em vez de aspirar à perfeição, a mãe deve se esforçar para ser suficientemente boa, oferecendo o apoio e os cuidados necessários à criança, enquanto permite doses adequadas de frustração, que são benéficas para o desenvolvimento do bebê, ajudando-o a entender que nem sempre terá seus desejos atendidos imediatamente.

4.2. Implicações Emocionais pós-diagnóstico na Experiência Materna

Refere-se aos impactos emocionais, físicos, sociais e psicológicos enfrentados pelas mães após o diagnóstico de neurodivergência de seus filhos. É importante salientar que as dificuldades são ainda mais acentuadas para mães que se encontram em situação de vulnerabilidade no contexto brasileiro, como ilustrado no documentário "Mães de Bel", que retrata as histórias de algumas dessas mães. Essa categoria engloba o impacto e as consequências enfrentadas pós diagnóstico, incluindo a sobrecarga emocional, o luto e a culpa que estão relacionados a essa experiência.

Ao nos referirmos às "consequências para mães", incluímos todas as perdas sofridas e as adaptações necessárias para o cuidado de filhos neurodivergentes. Essas consequências abrangem não apenas os desafios emocionais e psicológicos, mas também as mudanças na rotina, nas expectativas pessoais e nas dinâmicas familiares, exigindo um processo contínuo de readequação e resiliência por parte das mães.

Segundo Freitas (2021), as mães relatam que, ao receberem o diagnóstico médico, vivenciam uma experiência transformadora, caracterizada por expressões como “caiu a ficha” e “um baque”, acompanhadas de choros e sensação de desamparo. Esse momento instaura um “antes e depois” na trajetória das mães, representando uma “ruptura biográfica” (Quadro 3), na qual as bases simbólicas, recursos materiais e afetivos que sustentavam suas vidas são profundamente afetados. A partir desse ponto, inicia-se uma imersão em um novo mundo, marcado pelas experiências decorrentes da condição dos filhos e pelos aspectos subjetivos envolvidos.

“Na maternidade atípica todos dizem que a mãe atípica é uma Guerreira, e eu falo que nós não somos guerreiras. Nós não somos né. Porque a guerreira ela vai para as suas batalhas às vezes né. E por serem indestrutíveis não se machucam não se ferem.

Retornam para dentro de casa e tá tudo bem, plenas lindas e belas, mas não é assim conosco na maternidade atípica”. Elaine, “Mães de Bel”

Ao abordarmos a "sobrecarga" materna no contexto deste artigo, observamos que a extenuante pode ser todo o processo que se inicia no período anterior ao diagnóstico, prossegue com a confirmação deste e, posteriormente, se intensifica em decorrência das mudanças necessárias para que os filhos recebam os cuidados adequados às suas condições. Essa trajetória impõe um elevado nível de estresse e demanda emocional, refletindo os desafios enfrentados pelas mães na adaptação às novas realidades familiares. Para enriquecer o estudo, Bulhões *et al* (2023) relata as experiências e traz a narrativa de Joana, mãe com três filhos com TEA: “*Me sinto péssima. Eu estou com desgaste emocional triste, eu não sei nem como estou me encontrando aqui porque ontem eu conversando com a menina desabei, porque é muita sobrecarga*”. (Joana)

A singularidade na abordagem do "luto" pelo filho idealizado pode ser explicada pela natureza peculiar dessa vivência, na qual o luto pode ser objeto de negação. Isso se deve ao fato de que, não apenas as mulheres, mas toda a sociedade sustenta a crença de que as mães devem amar incondicionalmente seus filhos e não podem expressar descontentamento em relação aos esforços despendidos no exercício da maternidade. Essa expectativa é ainda mais complexa quando se considera que as mulheres acumulam diversas responsabilidades, que incluem não apenas a maternidade, mas também outras funções sociais e profissionais. Essa pressão é sentida tanto por mães solo quanto por aquelas que possuem um parceiro, que, em teoria, deveria compartilhar igualmente as tarefas associadas à vida conjugal e à parentalidade.

“Vou falar é isso eu guardei sabe na minha cabeça, no meu coração, algo desesperador, porque é complicado né. Você não sonha em ter um filho especial, você não sonha em ter um filho com deficiência, né. E quando chega para a gente, o máximo que a gente pode fazer é amar, cuidar. E foi o que eu fiz, corri atrás, não parei, não sosseguei”. Rita, “Mães de Bel”

No que tange à culpa, muitas mães enfrentam um ciclo de autocrítica, questionando suas decisões e competências parentais diante dos desafios no desenvolvimento de seus filhos. A pressão para atender a padrões ideais de cuidado e a comparação com outras mães intensificam essa sensação de inadequação. Além disso, a culpa é alimentada pela percepção de que são responsáveis pelas dificuldades enfrentadas por seus filhos, resultando em um estado emocional desgastante que impacta seu bem-estar biopsicossocial e a dinâmica familiar. Essa experiência de auto responsabilização reflete as tensões entre o amor incondicional pelos filhos e as exigências sociais muitas vezes irrealistas.

Guimarães e Tachibana (2021), empregaram o método psicanalítico em sua pesquisa, por meio da associação livre nas entrevistas realizadas, valorizando a contratransferência do pesquisador na redação dos encontros, enquanto a análise do material foi fundamentada na atenção flutuante. O material foi analisado segundo o método psicanalítico da "Teoria dos Campos", resultando na identificação de três campos: Quem é o culpado? Quem se responsabiliza pela criança? Quem se responsabiliza por mim? A categoria "Quem é o culpado?" destaca uma lógica emocional que sugere que ser mãe de uma criança diagnosticada com autismo está intimamente ligada a uma sensação de culpa em relação à condição do filho. Para exemplificar essa questão, apresentamos a seguir um trecho de uma narrativa transferencial extraída do artigo:

“Na entrevista, Maria me conta que teve algumas complicações, durante a gestação, correndo o risco de perder o bebê. Por causa disso, precisou tomar remédios e ficar de repouso do terceiro ao nono mês de gravidez. Ela diz: “Quando desconfie de que ele tinha autismo, logo me culpei, por causa dos medicamentos. Eu li uma pesquisa que falava que a falta de vitamina D durante a gravidez poderia provocar autismo. Eu não ia para fora, não tomava um sol...Então pensei que eu ficava somente dentro de casa, deitada com as pernas para cima e não ia para fora, não tomava um sol...Então pensei que a culpa foi minha”.

Segundo Cortezia (2015, apud Guimarães & Tachibana, 2021), numa investigação psicanalítica com mães de crianças autistas, observou-se que estas se defendiam do desamparo, adotando posturas de hiper reação. Elas interagiam com as crianças de forma animadora, buscando manter um bom humor constante. Guimarães & Tachibana (2021) revelam que, diante da questão "Quem vai cuidar da criança?", as mães entrevistadas assumiram uma postura similar, mas em vez de se mostrarem alegres, apresentaram-se como profissionais dedicadas ao tema, demonstrando conhecimento profundo e um discurso que lembrava o de especialistas.

As mães mostraram-se politizadas, discutindo movimentos sociais e campanhas que ajudaram a fundar. Inicialmente, essas manifestações podem ser vistas como uma tentativa de enfrentar a impotência diante da falta de apoio no cuidado dos filhos autistas. Entretanto, cabe questionar se as falas intelectualizadas não revelam uma postura dissociativa, relacionadas a um falso self. Winnicott (1963/1983) argumenta que, diante de invasões ambientais intoleráveis, o indivíduo pode se distanciar de si mesmo, ocultando seu verdadeiro self. Esse movimento pode proteger o verdadeiro self do mal-estar emocional e permitir uma adaptação social, mas gera uma sensação de inautenticidade. Estariam essas mães utilizando essa racionalização para se distanciar do seu mal-estar emocional? Guimarães e Tachibana (2021)

4.3. Rede de Apoio e Cuidados: Inclusão e Autoestima na Maternidade Neurodivergente.

A categoria enfatiza a relevância de uma rede de apoio para essas mães, especialmente diante das inúmeras mudanças que enfrentam, muitas das quais não estavam preparadas para lidar. Essa rede pode proporcionar, entre outras coisas, suporte emocional, além de auxiliar no acesso a recursos e informações essenciais para o cuidado de seus filhos. Ela engloba os temas: rede de apoio, cuidado e autoestima, empatia e inclusão, destacando a interconexão entre esses elementos na promoção do bem-estar materno e familiar.

O tema da rede de apoio é frequentemente destacado na literatura como essencial para dessas mães, pois proporciona suporte emocional, prático e psicológico, permitindo que elas enfrentem as diversas fases dessa nova realidade. Segundo Sluzki (1997, apud Columé et al., 2023), a presença de uma doença, especialmente uma condição crônica, inevitavelmente produz um impacto nas interações entre o sujeito e aqueles com os quais se relaciona. Nessa perspectiva, embora o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) seja dos filhos, ele tem efeitos diretos nas redes sociais significativas (Quadro 3) das mães.

O autor destaca ainda uma complexa soma de fatores que pode interferir na ativação de vínculos da rede para a prestação de apoio social efetivo, compreendendo que um diagnóstico crônico pode desencadear condutas evitativas nos outros que isolam o doente (Sluzki, 1997). Isso também ocorre em função da necessidade do paciente se afastar de espaços sociais antes frequentados e modificar sua rotina, o que reduz a oportunidade de estabelecer contatos interpessoais e a iniciativa própria de ativação da rede (Sluzki, 1997).

O cuidado abrange o autocuidado que as mães devem cultivar e o suporte recebido de familiares, amigos e profissionais de saúde. A expressão "cuidar de quem cuida" destaca que, ao se sentirem valorizadas e amparadas, as mães desenvolvem confiança para enfrentar as demandas da maternidade, criando um ambiente positivo para si e para os filhos. No que tange à autoestima, observa-se que mães que se sentem bem consigo mesmas tendem a buscar e aceitar ajuda, estabelecendo conexões benéficas tanto para elas quanto para suas crianças. Assim, investir no cuidado pessoal e na autoestima constitui um recurso valioso para lidar com as dificuldades inerentes à realidade que enfrentam.

Validando essa ideia, Kintope e Borges (2020) propuseram uma intervenção para fortalecer a autoestima das mães de crianças neurodivergentes, "Um dia de Beleza", reconhecendo que este aspecto é crucial, considerando os desafios adicionais que enfrentam em comparação às mães de crianças neurodivergentes. Segundo as autoras, a autoestima dessas mães é afetada por fatores como estigma social, estresse, sobrecarga, comparação com outras

famílias, perda de amizades e interrupção de suas carreiras para cuidar dos filhos. Embora sejam resilientes e dedicadas, as pressões emocionais e sociais podem impactar negativamente sua autoestima.

Para mitigar esses efeitos, as pesquisadoras apontam que é essencial que as mães tenham acesso a suporte emocional, serviços de aconselhamento e grupos de apoio. Promover a autoestima envolve reconhecer suas realizações diárias, oferecer suporte prático e emocional e fomentar uma sociedade mais inclusiva e menos estigmatizante. As mães desempenham um papel fundamental no desenvolvimento de seus filhos, e uma autoestima saudável é vital para enfrentar os desafios da maternidade de crianças neurodivergentes, Kintope e Borges (2020).

Freitas e Gaudenzi (2021) analisaram as narrativas de mães de crianças autistas, compartilhadas por meio de vídeos no YouTube. As autoras destacam que o ato de narrar permite que essas mães organizem suas ideias, reconstruam seus cotidianos e gerem memórias coletivas, contribuindo para o desenvolvimento de uma comunidade afetiva. Todas as mães analisadas vivenciam em comum a dor relacionada à diferença de seus filhos. O conhecimento que produzem não se baseia apenas em informações, mas na conexão emocional com a condição dos filhos.

Esse saber é ao mesmo tempo particular e subjetivo, marcado por experiências singulares, mas também apresenta pontos de encontro e trajetórias semelhantes. As mães compartilham lutas, sentimentos e desafios cotidianos, construindo a maternidade dentro da realidade do autismo. Além disso, as autoras identificaram que esse saber experiencial se configura como um capital existencial (Quadro 3), evidenciando um valor que emerge de formações coletivas e da identificação com vivências pessoais, Freitas e Gaudenzi (2021).

Contudo, a empatia e a inclusão continuam sendo essenciais para apoiar as mães de crianças neurodivergentes, mas ainda há um longo caminho a percorrer. É fundamental compreender os desafios que essas mães enfrentam e reconhecer suas lutas, oferecendo condições dignas para que possam gerenciar suas vidas. Iniciativas de sensibilização e programas de formação para profissionais da saúde, educação e assistência social são importantes para construir uma cultura de empatia. Segundo Kintope & Borges (2020), os cuidados com filhos autistas consomem integralmente as rotinas dessas mães, impactando suas carreiras e relacionamentos sociais e afetivos.

Lamentavelmente, as mães enfrentam o preconceito e o desconforto dos outros em relação aos seus filhos, o que as faz sentir-se vulneráveis. Mannoni (1999, apud Kintope & Borges, 2020) destaca que ofensas dirigidas aos filhos são percebidas como ofensas pessoais pelas mães. Essa realidade reforça a importância do relacionamento afetivo, que se torna um

pilar essencial para elas, pois buscam proteção e apoio emocional em um contexto social muitas vezes discriminatório. Assim, a maternidade se torna uma dedicação ainda mais profunda, impulsionada pela necessidade de cuidar e defender seus filhos em um mundo que pode ser hostil.

A inclusão das mães e de suas crianças neurodivergentes deve ser uma prioridade em todas as esferas da sociedade. O apoio adequado nas áreas de educação, saúde e trabalho favorece um ambiente mais justo, equitativo e acolhedor. Isso permite que elas se sintam reconhecidas como cidadãs com direitos garantidos, ao invés de se perceberem como dependentes de favores ou vítimas de preconceito, vivendo à margem da sociedade. A implementação de iniciativas inclusivas favorece a aceitação das diversidades, e contribui para o fortalecimento delas na comunidade. Assim, a busca por uma inclusão social efetiva é uma necessidade urgente para garantir que todos os indivíduos sejam respeitados e valorizados em sua plena cidadania.

“Ah já consegui é superar muita coisa né então. E vejo cada desafio que nós temos, né. E vou passando por cima deles, mas o principal é quando a sua criança, ela não atende os padrões que a sociedade impõe. E todos olham para ele diferente, né. Hoje em dia não mais, porque eu falo que a gente se empodera daquilo que nós somos, lutamos por uma sociedade onde nossos filhos possam ser eles mesmos. Possam ser aceitos por essa sociedade, mas principalmente, é, são os olhares da sociedade para eles quando uma criança” (Wilma, “Mães de Bel”).

4.4. A angústia do Itinerário Terapêutico e a urgência de Políticas Públicas para garantia da vida e dos direitos.

A última categoria examina o complexo percurso enfrentado pelas mães na busca pelo diagnóstico de seus filhos. Além de falar das políticas públicas, normalmente insuficientes para atender às necessidades específicas das crianças, comprometendo a promoção da qualidade de vida e a garantia de seus direitos. Serão abordados os temas: Itinerário Terapêutico, Políticas Públicas e Garantia de Direitos, que têm o potencial de impactar significativamente a vida dessas mães e de seus filhos.

O item Itinerário Terapêutico¹ ressalta a complexidade do período que precede a obtenção do diagnóstico, evidenciando o desgaste emocional e os impactos na saúde mental das mães, decorrentes da convivência com incertezas. Essas mães enfrentam uma busca incessante por respostas às necessidades de seus filhos, sem uma compreensão clara das intervenções necessárias e sem recursos para atender a essas demandas. Durante essa trajetória, interagem

¹ "Conforme observa Alves (2015, p. 29-43), o itinerário terapêutico (IT) é um dos conceitos centrais nos estudos socioantropológicos da saúde. Trata-se de um termo utilizado para designar as atividades desenvolvidas pelos indivíduos na busca de tratamento para a doença ou aflição."

com profissionais de saúde que, muitas vezes, desconsideram suas queixas e não reconhecem suas particularidades enquanto seres biopsicossociais.

No estudo de Kintope e Borges (2020), mães relatam que notaram diferenças nas características de seus filhos antes da confirmação do diagnóstico, o que se insere no Itinerário Terapêutico (IT) discutido por Rabelo *et al.* (2018). Essa percepção inicial reflete o sofrimento emocional causado pela incerteza durante a busca por respostas. O percurso até o diagnóstico é frequentemente descrito como uma “luta pelo diagnóstico”, marcado por queixas sobre a incapacidade técnica dos profissionais. Enquanto as mães percebem algo errado, especialistas minimizam, afirmando que se trata apenas de um atraso, como “ele só tem um atraso na fala”.

“A nossa luta é grande! Conseguir um diagnóstico, conseguir um médico que dê o diagnóstico. Conseguir tratamento, porque todo mundo acha que não precisa. Aí a gente vai ter que conseguir convencer os outros que o nosso filho é autista. É muito cansativo”.

Como último ponto abordado nesta categoria, a implementação de políticas públicas deve garantir o acesso a serviços especializados, incluindo terapias e suporte psicológico para crianças. Além disso, é imperativo promover a efetividade das leis vigentes, minimizando a burocracia excessiva. Dessa maneira, torna-se viável proteger mulheres e seus filhos de tribulações desnecessárias, por meio da efetivação de seus direitos

Phychodco e Bittencourt (2022) destacam que participantes de sua pesquisa, composta por 90 voluntários de uma das maiores redes sociais sobre Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Facebook, relataram dificuldades na obtenção de benefícios públicos, especialmente o Benefício de Prestação Continuada (BPC). O excesso de burocracias e critérios legais exigem comprovação de renda extremamente baixa. Como resultado, muitos familiares se veem sobrecarregados entre os cuidados com a criança ou adolescente e a geração de renda. Conforme os autores, os dados indicam a necessidade urgente de políticas públicas que atendam às demandas de pessoas com TEA e seus familiares, com ênfase nas mães, que frequentemente enfrentam uma sobrecarga maior.

Ademais, para mitigar o isolamento social imposto pelo diagnóstico e reduzir estigmas, é essencial desenvolver políticas de conscientização e suporte ao trabalho e à formação profissional dessas famílias, especialmente direcionadas às mulheres cuidadoras. Além disso, a pesquisa revela que alguns genitores ainda mantêm a crença de que a responsabilidade pelos cuidados recai exclusivamente sobre as mães, uma situação já discutida por Souza *et al.* (2003, *apud*, Phychodco e Bittencourt 2022).

Como resultado, muitos familiares se veem sobrecarregados entre os cuidados com a criança ou adolescente e a geração de renda. Conforme os autores, os dados indicam a necessidade urgente de políticas públicas que atendam às demandas de pessoas com TEA e seus familiares, com ênfase nas mães, que frequentemente enfrentam uma sobrecarga maior.

Ademais, para mitigar o isolamento social imposto pelo diagnóstico e reduzir estigmas, é essencial desenvolver políticas de conscientização e suporte ao trabalho e à formação profissional dessas famílias, especialmente direcionadas às mulheres cuidadoras. Além disso, a pesquisa revela que alguns genitores ainda mantêm a crença de que a responsabilidade pelos cuidados recai exclusivamente sobre as mães, uma situação já discutida por Souza *et al.* (2003, apud, Phychodco e Bittencourt 2022).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto, podemos constatar que o diagnóstico de neurodivergência impacta profundamente não apenas as crianças, mas também suas famílias, com um efeito significativo sobre as mães. Assim, é necessário considerar a perspectiva biopsicossocial para compreender a subjetividade dessas mulheres. É imprescindível visibilizar o sofrimento psíquico delas, compreendendo que os cuidados psicoterapêuticos são fundamentais para ajudá-las a enfrentar essa situação desafiadora.

Esse cenário reforça o objetivo desta pesquisa, que investiga o bem-estar biopsicossocial das mães após o diagnóstico de neurodivergência de seus filhos. A literatura revisada destaca as mudanças nas dinâmicas familiares e as dificuldades específicas enfrentadas por essas mulheres, evidenciando a necessidade de atenção às suas particularidades e ao desenvolvimento de ações voltadas para seus cuidados pessoais. Muitas vezes, elas se dedicam integralmente ao cuidado dos filhos, o que resulta em sobrecarga emocional, angústia e baixa autoestima, dificultando o autocuidado. Portanto, é essencial que futuras pesquisas se aprofundem nas demandas dessas mães para desenvolver ações eficazes que ofereçam suporte adequado. Isso permitirá uma maternidade digna e reconhecida, evitando que elas se sintam à margem da sociedade, que muitas vezes não compreende suas necessidades nem aceita suas diferenças e as de seus filhos.

Um ponto importante levantado na literatura analisada é a falta de termos alternativos para a expressão "mães atípicas". A escassez de pesquisas sobre o tema pode explicar a ausência de outras nomenclaturas nos artigos revisados, o que limita a discussão e a compreensão do assunto. Entretanto, é fundamental considerar que o uso do termo "mãe atípica" não é bem

aceito por grupos que discutem questões relacionadas a pessoas com neurodivergência. Como não há uma definição clara de "maternidade típica", a expressão "maternidade atípica" pode desviar o foco da pessoa com deficiência, redirecionando a atenção para a família e para a figura materna. Essa mudança de foco pode comprometer a visibilidade e o reconhecimento das experiências e necessidades das próprias pessoas com condições diversas.

Diante das demandas enfrentadas por esse grupo de mulheres, a psicoterapia pode ser vista como uma rede de apoio fundamental para ajudá-las a lidar com o estresse e os desafios que surgem após um diagnóstico. As experiências dessas mães são únicas e requerem uma abordagem personalizada que considere suas circunstâncias individuais. Além disso, a psicoterapia pode ser uma aliada importante tanto no ambiente escolar quanto na promoção de um melhor convívio familiar. Ela também pode desempenhar um papel fundamental na formação de profissionais de saúde, auxiliando-os a desenvolver uma percepção mais cuidadosa sobre a maternidade.

Considerando o que foi discutido anteriormente, o estudo revela uma limitação significativa: a falta de pesquisas sobre o tema. A maioria dos trabalhos existentes se concentra principalmente no autismo, enquanto outras neurodivergências ficam em segundo plano. Pesquisas futuras podem ampliar essa perspectiva ao incluir diversos diagnósticos e realizar entrevistas com mães, contribuindo assim para o enriquecimento do campo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Paulo César. **Itinerário terapêutico e os nexos de significados da doença.** POLÍTICA & TRABALHO, v. 42, p. 29-43, jan./jun. 2015. ISSN 1517-5901 Disponível em: https://www.siga.fiocruz.br/arquivos/ss/documentos/editais/4_artigo2%20alves%20paulo%20cesar.pdf Acesso em: 19 jun 2025.

ALVES, P. C. B.; SOUZA, I. M. A. (1999). **Escolha e Avaliação de tratamento para Problemas de Saúde:** considerações sobre o itinerário terapêutico. In: Rabelo, M. C.; Alves, P. C.; Souza, I. A. Experiência de doença e narrativa. Rio de Janeiro: Fiocruz. p. 125-138. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/pz254/pdf/rabelo-9788575412664-06.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BONFIM, T. A *et al.* (2023). **Assistência às famílias de crianças com Transtornos do Espectro Autista:** Percepções da equipe multiprofissional. Revista Latino-americana de Enfermagem, 31, e 3780, 1-10. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.5694.3780>. Acesso em: 09 set 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo Escolar da Educação Básica**. https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2021.pdf> Brasília, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde – MS. (2014). **Atenção Psicossocial a Crianças e Adolescentes no SUS: Tecendo Redes para Garantir Direitos**. Disponível em: https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_psicossocial_crianças_adolescentes_sus.pdf. Acessado em: 10 nov.2024.

BRASIL, Ministério da Saúde (MS). **CADERNO DE ATENÇÃO BÁSICA 33**. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/rami/testes-rapidos-de-hiv-e-sifilis-na-atencao-basica/diagnostico/caderno_33.pdf/view. Acesso em: 25 nov. 2024

BRASIL, Secretaria-Geral Subchefia para Assuntos Jurídicos (Presidência da República) **Política Nacional da Saúde Mental (PNSM)**, LEI No 10.216, DE 6 DE ABRIL DE 2001. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110216.htm. Acesso em 02 dez. 2024.

BRASIL, Secretaria-Geral Subchefia para Assuntos Jurídicos (Presidência da República) **LEI Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 02 dez 2024.

Mães de Bel. Direção de Gyselle Cruz. Belford Roxo: Brigadeirinho Produções, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fUnsV_hgm4Q. Acesso em: 06 nov. 2024.

BRASIL, Secretaria-geral Subchefia para Assuntos Jurídicos (Presidência da República) **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**; Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm#:~:text=Institui%20a%20Pol%C3%ADtica%20Nacional%20de,11%20de%20dezembro%20de%201990. Acesso em: 02 dez. 2024.

BULHÕES, T. M. P.; BITTENCOURT, I. G. de S. .; SOUZA, E. M. S. de .; CAVALCANTI, C. M. T. M.; PORTO, M. E. A. . **Atypical motherhood: narratives of a mother with three children with autism spectrum disorder / A maternidade atípica: narrativas de uma mãe com três filhos com Transtorno do Espectro Autista: There is not**. Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online, Rio de Janeiro, Brasil, v. 15, p. e–12213, 2023. DOI: 10.9789/2175-5361.rpcfo.v15.12213. Disponível em: <https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/12213>. Acesso em: 30 mar. 2025.

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL. HAJE, Lara. **Mães de pessoas com deficiência ou doenças raras pedem programas públicos de apoio**. Agência Câmara Notícias.2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/919254-maes-de-pessoas-com-deficiencia-ou-doencas-raras-pedem-programas-publicos-de-apoio/> Acesso em: 3 out 2024.

CAMPELO, Lany L. *et al.* **Dificuldades das famílias no cuidado à criança e ao adolescente com transtorno mental: uma revisão integrativa.** *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 48, n. esp., p. 197-204, 2014 Tradução Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000600027>. Acesso em: 02 nov. 2024.

COLOMÉ, Carolina Schmitt; DANTAS, Cândida Prates; ZAPPE, Jana Gonçalves. **Dinâmica Relacional das Redes Sociais Significativas de Mães de Filhos com Transtorno do Espectro Autista.** *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 607–628, 2023. DOI: 10.12957/epp.2023.77701. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/77701>. Acesso em: 30 mar. 2025.

CONSTANTINIDIS, T. C. *et al.* **Todo Mundo Quer Ter um Filho Perfeito: Vivências de Mães de Crianças com Autismo.** *Psico-USF*, v. 23, n. 1, p. 47–58, jan. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230105>. Acesso em: 30 out 2024.

DOUGLAS, J. Susan; MICHAELS, W. Meredith. **The Mommy Myth: The Idealization of Motherhood and How It Has Undermined All Women.** [s.l.]: [s.n.], [ano]. Disponível em: https://www.academia.edu/23371056/The_Mommy_Myth_The_Idealization_of_Motherhood_and_How_It_Has_Undermined_All_Women_Susan_J_Douglas_and_Meredith_W_Michaels Acesso em: 02 out 2024.

GUIMARÃES, J. B.; TACHIBANA, M. **Conversando e Desenhando com Mães de Crianças Autistas: Investigação Psicanalítica.** *Revista Subjetividades*, [S. l.], v. 21, n. 2, p. Publicado online: 05/10/2021, 2021. DOI: 10.5020/23590777.rs.v21i2.e8868. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/e8868>. Acesso em: 30 mar. 2025.

FARIA, M. D. **Ser mãe de uma pessoa com transtorno de espectro autista: um estudo sobre representações e estigmas em séries.** *Comunicação Mídia e Consumo*, [S. l.], v. 20, n. 57, 2023. DOI: 10.18568/cmc.v20i57.2756. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/2756>. Acesso em: 30 mar. 2025

FONSECA, V. R. J. R. M. *et al.* **Relação entre depressão pós-parto e disponibilidade emocional materna.** *Cadernos de Saúde Pública*, v. 26, n. 4, p. 738–746, abr. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2010000400016>. Acesso em: 29 out 2024

FREITAS, Bárbara Morais Santiago, GAUDENZI, Paula. **“We, mothers of autistic people”: between knowledge of the experience and collective memories in videos on YouTube.** **“Nós, mães de autistas”**: entre o saber da experiência e as memórias coletivas em vídeos no YouTube.” *Ciencia & saude coletiva* vol. 27,4 (2022): 1595-1604. doi:10.1590/1413-81232022274.07212021

KINTOPE, Larissa Oro; BORGES, Raphaela de Souza. **Emponderando mães atípicas: um estudo de campo sobre a importância da autoestima na maternidade atípica.** *Journal of Media Critiques*, [S. l.], v. 6, n. 18, p. 21–36, 2020. DOI: 10.17349/jmcv6n18-002. Disponível em: <https://journalmediacritiques.com/index.php/jmc/article/view/28>. Acesso em: 30 mar. 2025.

MCDANIEL, S. H. *et al.* **Terapia familiar médica: um enfoque biopsicossocial às famílias com problemas de saúde.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902009000300015>. Acesso em: 09 out 2024.

MENEZES, A. L. DO A. *et al.* **Narrativas de sofrimento emocional na Atenção Primária: contribuições para uma abordagem integral culturalmente sensível em Saúde Mental Global.** Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v. 23, p. e170803, 2019.

MUHL, Camila. **O itinerário terapêutico da pessoa com transtorno mental: pontos de inflexão.** Rev. NUFEN, Belém, v. 12, n. 3, p. 198-216, dez. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 nov. 2024. <https://doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol12.nº03artigo81>.

NOGUEIRA, Maria da Conceição de Oliveira Carvalho. **Os discursos das mulheres em posição de poder.** Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, v. 2, n. 9, p. 57-72, 2006.

OLSSON, Malin B.; HWANG, C. Philip. (2007) **Depression in mothers and fathers of children with intellectual disability.** Journal of intellectual disability research, v. 45, n. 6, p. 535-543, 2001. Doi: 10.1046/j.1365-2788.2001.00372.x Acesso em: 02 out 2024.

PASTORELLI, Simone de O. *et al.* **Maternidade Atípica: Caracterização do sofrimento e seus enfrentamentos.** Revista Acadêmica Online, [S. l.], v. 10, n. 50, p. 1–21, 2024. DOI: 10.36238/2359-5787.2024.v10n50.6. Disponível em: <https://revistaacademicaonline.com/index.php/rao/article/view/6>. Acesso em: 16 nov. 2024.

PONTE, Amélia Belisa Moutinho da; ARAUJO, Lucivaldo da Silva. **Vivências de mães no cuidado de crianças com transtorno do espectro autista.** Rev. NUFEN, Belém, v. 14, n. 2, p. 1-15, ago. 2022. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912022000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em: 17 nov. 2024.

PRYCHODCO, Robson Celestino; BITTENCOURT, Zélia Zilda Lourenço de Camargo. **Desafios no Cotidiano de Famílias com Crianças e Adolescentes com Transtorno do Espectro do Autismo.** Id on Line Rev.Psic.,Outubro/2022, vol.16, n.63, p.204-221, ISSN: 1981-1179.

SÃO PAULO, (ALESP). **Projeto de lei nº 1005 /2023.** Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000492789> Acesso em: 02 dez.2024.

VIANA, Cintia T. S.; BENICASA, Miria. **Maternidade Atípica: Termo e conceito.** Revista Acadêmica Online, [S. l.], v. 9, n. 46, 2023. Disponível em: <https://revistaacademicaonline.com/index.php/rao/article/view/299>. Acesso em: 16 nov. 2024.

TONETTO, A. P. M., & BARBIERI, V. (2018). **Maternidade de crianças com transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: Contribuições psicanalíticas.** Psicologia em Estudo, 23, 1-16. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v23i0.40425> Viana, C. T. S., & Benincasa.

WINNICOTT, D.-W. (1965) **A família e o desenvolvimento individual.** 3ª.edição.

São Paulo: Martins Fontes, 2005, pp.73-88.